

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda Mulungu Vermelho (antiga São Francisco)

código
AII – FO8 - Vas

localização
Rodovia RJ-123, sentido Massambará-Aliança, a 4,5 km da BR- 393, Massambará

município
Vassouras

época de construção
c. 1831

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residência e salão de festas / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fachada lateral

coordenador / data **Mauro Ávila Reis – dez 2008 / jan 2009**
equipe **Fabiano da Silva Rodrigues (AutoCad)**
histórico **Adriano Novaes**

revisão
Coordenação técnica do projeto

A fazenda está localizada na RJ-123, a meio caminho das localidades de Massambará, situada junto à rodovia BR-393 e Aliança, situada à margem do Paraíba. Seguindo pela estrada de terra batida, numa de suas curvas, à direita do vale do rio Alegre, depara-se com a porteira que dá acesso à propriedade (f01).

Distante aproximadamente 200 m da porteira, a casa-sede está implantada no sopé de um morro, tendo à frente um vasto gramado ajardinado, de onde se avista sua fachada frontal (f02 e f03). Destaca-se pequeno alpendre e uma escadaria que evidencia a diferença de níveis do terreno, que se dispõe em platôs, de forma escalonada, acompanhando a sua declividade.

O acesso ao jardim lateral esquerdo, antigo terreiro de secagem de café, se dá através de portão de ferro – refeito pela atual proprietária – instalado num vão do espesso muro em pedra seca (f04) que faz a contenção do platô da casa-sede e que limitava, outrora, o quadrilátero funcional. Essa murada segue em direção ao córrego, até ao ponto em que se apresenta em ruínas (f05).



01



02



03



04



05

Separando este antigo terreiro, atual jardim, do córrego, a parede de pedra destaca-se quando vista a partir deste, em direção a casa-sede (f06). Dela surge uma saída de águas pluviais que, pelo posicionamento em relação ao antigo terreiro, poderia tratar-se de um desvio para que estas não invadissem o local de secagem dos grãos (f07). Uma escadaria em pedra volta-se ao leito do córrego, que possui ainda uma caixa, também em pedra que, segundo informações, serviria ao banho dos escravos (f08).

Emoldurando a fachada lateral esquerda da casa-sede, existe mata secundária que se desenvolve até o topo do morro que lhe faz cenário.

Não há indícios visíveis da localização das construções originais do engenho, tulha e das senzalas, aparecendo somente o alicerce em pedra seca de uma murada entre a área ao redor dos antigos terreiros de secagem (f09) e a área alagada pelo córrego, quando das grandes chuvas, onde ainda restam alguns blocos de adobe sobrepostos (indicando a existência) de alvenaria histórica (f10).



06



07



08



09



10

A propriedade é servida pelas águas de um ribeirão, afluente direito do rio Alegre, que, segundo informações, tem seu leito desviado por uma canaleta escavada no sopé do morro, circundando-o até os fundos da casa-sede, onde existem atualmente caixas d'água para seu abastecimento. Há vestígios remanescentes de canaletas e tanques que, no passado, serviriam a um sistema de lavagem do café e de captação de água para a casa-sede (f11 e f12).

A implantação da casa-sede é feita longitudinalmente à encosta do morro, com sua declividade dominada através do corte do terreno, que é amparado por muro de contenção em pedra (f13). Isso proporciona o afastamento da fachada lateral direita do talude, contemplando uma área plana ao nível do piso do pavimento superior, onde atualmente existe um jardim e a piscina (f14).

Possui calçada em pedra na fachada principal, margeando o alpendre, e a escadaria que lhe dá acesso (f15), sendo que, na fachada lateral direita, toma a forma de uma calçada/canaleta, com a função de receber e desviar a águas dos beirais do telhado e do morro, para que não invadam o antigo terreiro (f16).

Há vestígios de pequenos trechos de calçamento em pé-de-moleque sob os jardins, indicando o tipo de piso do terreiro de secagem de café, (o que se comprova por sua exposição em alguns trechos de caminhos) próximos aos limites da casa-sede (com o que seria uma parte do antigo terreiro), na fachada de fundos (f17).



11



12



13



14



15



16



17

A casa-sede é constituída por um bloco retangular principal, embasado parcialmente por porão habitável, mantendo a outra parte ligeiramente elevada acima do nível do solo, explicitando o corte no barranco. Nos dois casos, dispõe-se sobre alicerces em pedra seca ou pilares em madeira (f18) que sustentam os contra barrotes e as madres da construção. Todos os fechamentos de vãos do arcabouço estrutural em madeira recebem paredes em pau-a-pique arrematadas por frechais (f19). Chama atenção a solução adotada no porão, para resguardar o piso assoalhado do barranco do morro, criando-se entre ambos uma canaleta de escoamento das águas pluviais (f20).

O muro de contenção, que também serve de alicerce para a cozinha, não possui revestimento externo como os demais, deixando aparente sua técnica construtiva (f21).



18



19



20



21

Observa-se uma preocupação estética referente à simetria nas fachadas principal e laterais. Na fachada frontal (f22) o alpendre e sua portada dividem um conjunto de seis janelas, no qual as três à esquerda e a primeira à direita da porta principal pertencem ao salão de estar e as duas restantes, à capela. Nesta fachada, o equilíbrio destoa apenas no que se refere ao telhado, cuja água apresenta cumeeira descontínua.

Na fachada lateral esquerda o equilíbrio é ainda maior, pois os vãos de janelas e portas de ambos os pavimentos estão em perfeito alinhamento, conferindo uma modulação ritmada e leveza à sua arquitetura (f23).

A fachada lateral direita tem como destaque as empenas cegas, que ocorrem tanto no tramo da extremidade esquerda (capela e sala lateral), como no da direita (cozinha), este mais extenso lateralmente, com puxado para varanda com telhado mais recente, em telhas francesas (f24). Ambos são mais avançados que o tramo central e comportam na face voltada ao átrio uma janela e uma porta, alcançada por escada em pedra (f25 e f26).



22



23



24



25



26

No tramo central, mais recuado, há seis janelas (f27).

Essa configuração expressa uma planta resolvida num bloco retangular maior, com pequenas abas nas extremidades da fachada lateral direita, dando-lhe a forma similar à de um “C”.

Somente a porta principal, com sobreverga, e uma interna da capela, possuem verga em arco abatido sobre ombreiras (f28 e f29). As demais portas e janelas são em verga reta, e somente as da fachada lateral esquerda e de fundos – assim como as da cozinha – possuem sobreverga, assim mesmo apenas no pavimento nobre (f30 e f31). Todos os vãos têm cercaduras e folhas pintadas na cor azul, com moldura externa pintada, na parede, na cor ocre, estando as faces internas destas, como também as portas internas, algumas também com suas bandeiras, pintadas na cor branca. Nas janelas da cozinha aparecem guilhotinas externas em caixilhos de vidro pintadas na cor branca, com detalhes em arcos cruzados nos vitrais superiores. Segundo informações (do historiador), estas seriam as únicas originais da época da construção da fazenda.



27



28



29



30

Apresenta cimalha em madeira, bem trabalhada apenas na fachada lateral esquerda, onde se destaca o serviço de carpintaria, com frisos e rebaixos curvos, pintados na cor azul, sem aba de arremate na base, somente uma faixa pintada na cor ocre (f32), com cunhais mais definidos. Nas demais fachadas as cimalthas aparentam terem sido refeitas num acabamento mais simples, com duas tábuas lisas pintadas em azul, formando um pequeno ângulo, sublinhada por (um) friso liso de arremate, ocre e branco (f33). Na cozinha, apenas um beiral encachorrado, trabalhado em peito-de-pombo, sobreposto por duas tábuas perpendiculares à parede, sustentando assim as pingadeiras (f34).

O telhado em quatro águas, com ponto de cumeeira bastante elevado, como é comum às telhas tipo capa e canal, apresenta dois avanços laterais nos extremos do retângulo, com cumeeiras secundárias e mais três águas cada, além de cozinha, com cumeeira mais baixa, mantendo três águas, totalizando doze águas.

Internamente, a porta principal em arco abatido (f35) dá acesso à sala-de-estar, com piso assoalhado em tábuas de junta cega na cor natural, rodapé, roda-meio de parede e forro em saia e blusa, pintados na cor branca, e ainda paredes pintadas na cor verde (f36).



31



32



32



34



35



36

À direita há o acesso à capela, com porta semelhante à principal, pintada na cor branca (f37) tendo ao fundo, o atual altar (f38).

A capela não se encontra preservada, pois segundo informações, teve o seu altar, nichos, imagens e mobiliário retirados pelos antigos proprietários, havendo evidências do antigo posicionamento do altar no forro original (f39).

Na sala-de-estar alguns vãos foram fechados, na parede esquerda e em frente à porta principal. Nos pequenos cômodos à esquerda, as janelas foram mantidas, mas os espaços sofreram mudanças de uso (f40). Foi mantido o corredor de acesso aos demais cômodos da casa e à sala lateral da capela, hoje utilizada como quarto de hóspedes, com porta e janela para o exterior, onde também existe uma grande janela horizontal para o interior da capela (f41 e f42), e uma escada bem íngreme, que dá acesso à parte interna do telhado, por um recorte no forro (f43). Na segunda sala-de-estar também ocorreu o fechamento de alguns vãos, caracterizando assim, como os demais fechamentos citados, a separação da parte social do setor íntimo. Essa solução repete-se na primeira sala de jantar, sendo que os vãos que permaneceram mantêm portas em folhas cegas e bandeiras com detalhes em madeira em forma de semi-arcos, assim como na segunda sala de jantar que se liga à cozinha.

A cozinha, com paredes em pau-a-pique, sofreu uma grave descaracterização numa intervenção da atual proprietária, que a revestiu internamente, com uma segunda parede de tijolos maciços aparentes (f44), criando uma falsa leitura de sua técnica construtiva, mas que é bem evidenciada quando a verificamos de fora para dentro, pelas deformações e vestígios da trama do pau-a-pique.

A pintura nas paredes, de uma forma geral e no que diz respeito às cores e ao material empregado, não seguiu os padrões de época. Em relação aos forros (f45), poucos foram os cômodos que perderam seus elementos originais, no formato de saia-e-blusa, apenas os que já não existiam na época da aquisição do imóvel.



37



38



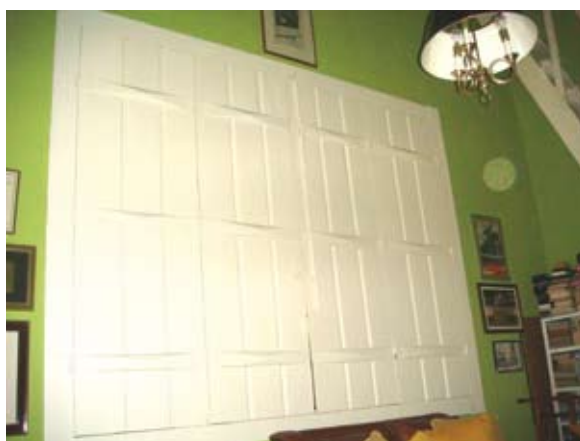
39



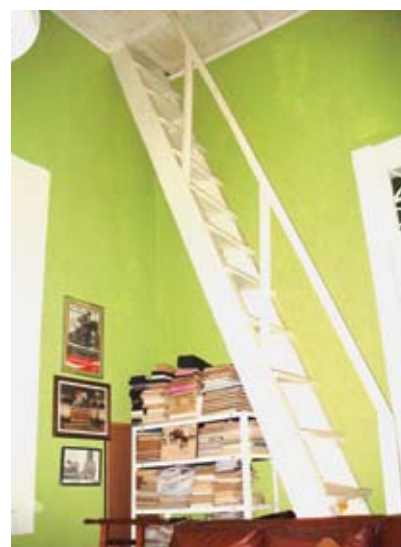
40



41



42



43



44



45

O bom estado geral de conservação, em virtude das constantes intervenções de manutenção, demonstra o interesse em manter íntegra a casa-sede da fazenda. Mesmo assim foram identificadas algumas patologias, que já têm agendadas intervenções para a solução de seus problemas. É o caso do beiral do telhado da fachada frontal (f46), do reboco ao lado de uma das janelas da fachada lateral esquerda, no pavimento superior (f47) e do arremate do beiral do telhado da cozinha na fachada de fundos (f24), todos provenientes de infiltrações devido à necessidade de uma revisão geral do telhado, com os devidos reparos.

O forro também é um exemplo do bom estado de conservação, segundo informações da proprietária, apenas o de um cômodo teve que ser refeito. Atualmente dois pontos distintos requerem reparos, um dos quartos (f48) e na sala-de-estar (f49).

Algumas paredes do porão, com sua trama de pau-a-pique aparente, servem para expor aos visitantes o sistema construtivo, como mais um atrativo didático e turístico (f50).

Os banheiros implantados ao lado do jardim – antigo terreiro de café –, próximo à fachada de fundos, foram construídos em caráter provisório, para atender às festas juninas que fazem parte do pacote turístico oferecido pelos hotéis da cidade. Foram mantidos, entretanto, devido ao grande conforto proporcionado aos visitantes que a área do porão da casa-sede recebe, tanto nestas como em outras ocasiões.



46



47



48



49



50

Com revestimento externo em bambu e em tecido, internamente, apresenta piso em cimentado, o que lhe confere uma aparência rústica, porém funcional (f51).

Na cumeeira principal, aparecem duas chaminés em alvenaria, uma para atender a lareira criada na segunda sala de estar, e outra falsa, apenas com fim estético (f52).

Devido ao grau de detalhes de marcenaria do trabalho, a cimalha existente na fachada lateral esquerda parece ser a única remanescente daquelas que seriam as originais (f53), pois as demais sofreram intervenções, tornando-as bem mais simplórias que esta, com duas tábuas lisas e um friso arrematando a emenda destas (f54).

A cobertura da varanda existente na porta de saída da cozinha é feita com telhas francesas, dando a indicação de ter sido feita em um período mais recente, tanto pelo tipo de sustentação (pilar de tijolo) quanto pelas características das próprias telhas.

O forro é uma das partes que menos sofreu intervenções. Somente em um dos cômodos criados como circulação – que, segundo a proprietária, era um vão aberto para o interior do telhado utilizado por morcegos como passagem –, e devido à falta de sua estrutura e paginação original, é que foi feita a colocação de lambris de madeira comercial (f55).



51



52



53



54



55

O alpendre é a primeira e mais evidente intervenção na fachada principal. Foi reformado com pilares de concreto e laje (f56),

Na segunda sala-de-estar, a presença de uma lareira (f57) – bem como o fechamento de vários vãos de portas, neste e entre outros cômodos, e a subdivisão de cômodos maiores em duas ou mais partes para a adequação às necessidades de usos atuais – é mostrada de forma evidente, através das bruscas interrupções nas paginações dos forros originais. Ocorre até um caso de supressão de parede nas alcovas, que passaram a compor uma única sala de estar/leitura (f58), que também teve um vão aberto em uma das paredes laterais, para o corredor de acesso às demais dependências.

Em outros casos, um único cômodo passou a abrigar dois ou mais ambientes. Uma alcova foi dividida em um lavabo e circulação; uma sala de música passou a conter dois quartos e uma circulação; um quarto recebeu um banheiro e uma circulação; um cômodo que possivelmente dava apoio à sala de jantar tendo único acesso por esta, passou a ter um quarto, duas circulações e um WC, entre outros.

Na sala de jantar, apenas um vão foi fechado e os demais mantidos, sendo um destes um corredor de acesso aos quartos, de onde parte um corredor, paralelo à segunda sala-de-estar formando pequenas saletas/corredores, que dão acesso a todos os cômodos do setor íntimo, como quartos e banheiros (f59).



56



57



58



59

A segunda sala de jantar teve sua função reduzida à sala de café, por motivo da intervenção no piso assoalhado, abrindo um vão para uma escada de acesso interno ao porão, onde se localiza a segunda cozinha, solução criada para atender à atual utilização do porão (f60).

Ocorreu também a reforma da cozinha e varanda, sobrepondo paredes de tijolos maciços às originais em pau-a-pique. Houve também substituição do piso de cimento que existia sobre o piso original de chão de terra batida destes dois cômodos por piso de placas cerâmicas.

Uma segunda cozinha, no porão, foi criada pela atual proprietária para dar suporte à nova utilização deste. Executada num patamar intermediário – entre os assoalhos do pavimento superior e o do porão – tem piso em cimento queimado e algumas paredes mostrando os alicerces em pedras marroadas – pintados com resina acrílica e com todos os detalhes aparentes –, e outras em pau-a-pique com caiação. Esta nova cozinha mantém pé-direito baixo, com cerca de 2.20m do piso até a parte inferior dos contra barrotes que sustentam o piso e paredes do pavimento superior (f61).

Segundo informações da proprietária, o porão teve seu piso assoalhado original e as folhas das portas e janelas retiradas pelos antigos proprietários, obrigando a reforma com madeira nova, permanecendo os limites originais, até a metade do porão, onde a calha o divide (f62). O piso refeito com tabuado e junta cega, e as folhas das portas e janelas de todo o pavimento térreo, provisoriamente em folhas cegas de feitura simples, (f63) até que se seja providenciado a confecção das folhas com os detalhes das do pavimento superior, com dois rebaixos em cada folha (f64).

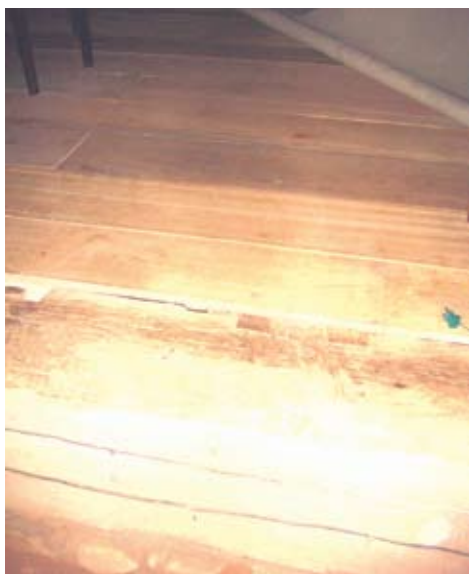
No porão há intervenção em concreto, em um pilar e colunas que sustentam a parede da fachada frontal, assim como há uma viga, também em concreto, substituindo o frechal da mesma (f65), indo do limite do alpendre (pilar), até ao cunhal com a fachada lateral esquerda.



60



61



62



63

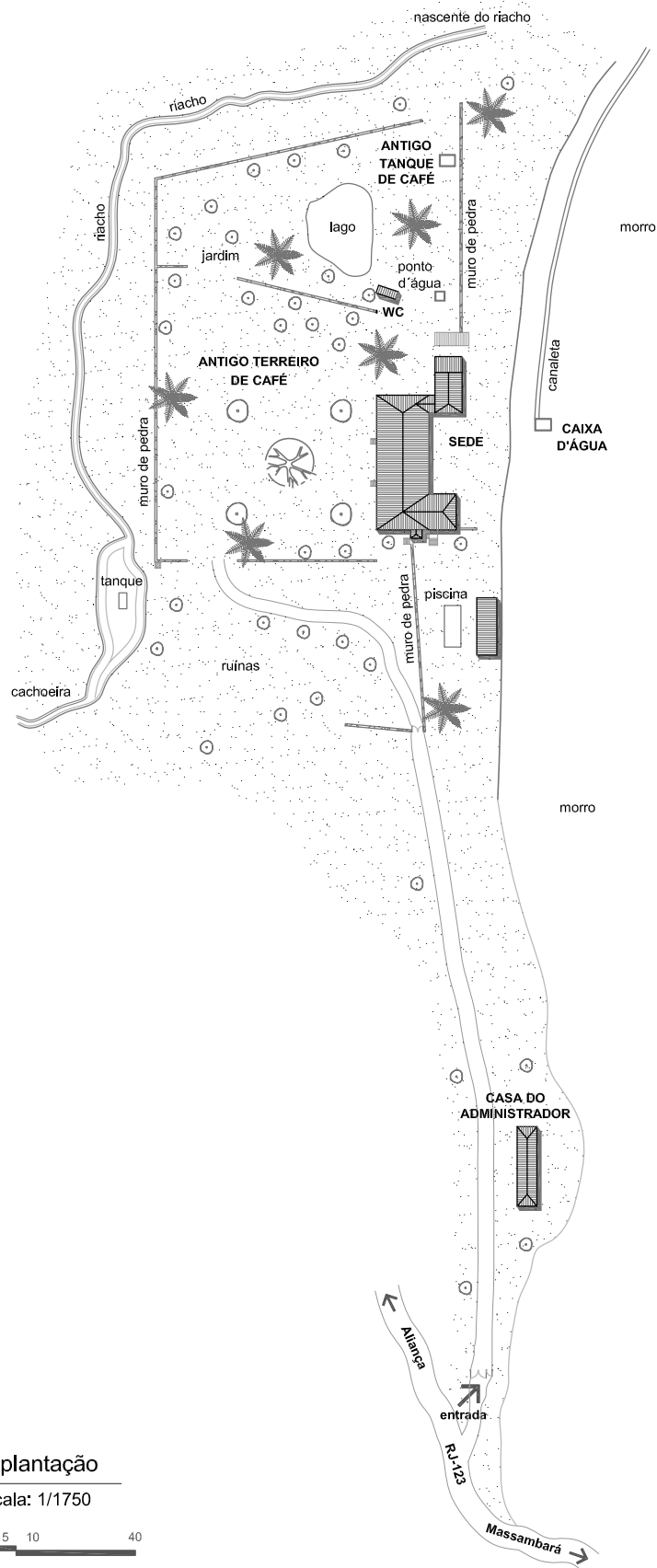


64



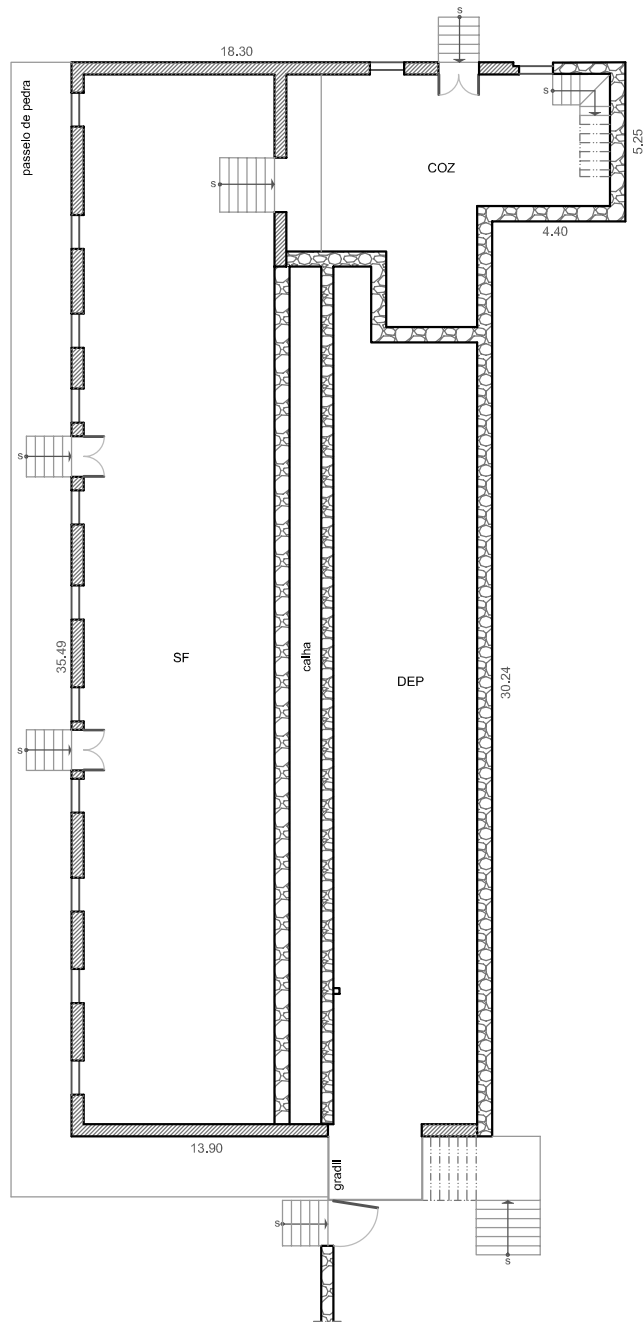
65

FAZENDA MULUNGU VERMELHO



1 Implantação
 escala: 1/1750
 0 5 10 40

FAZENDA MULUNGU VERMELHO



1

Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento

escala: 1/250



COZ - cozinha
DEP - depósito

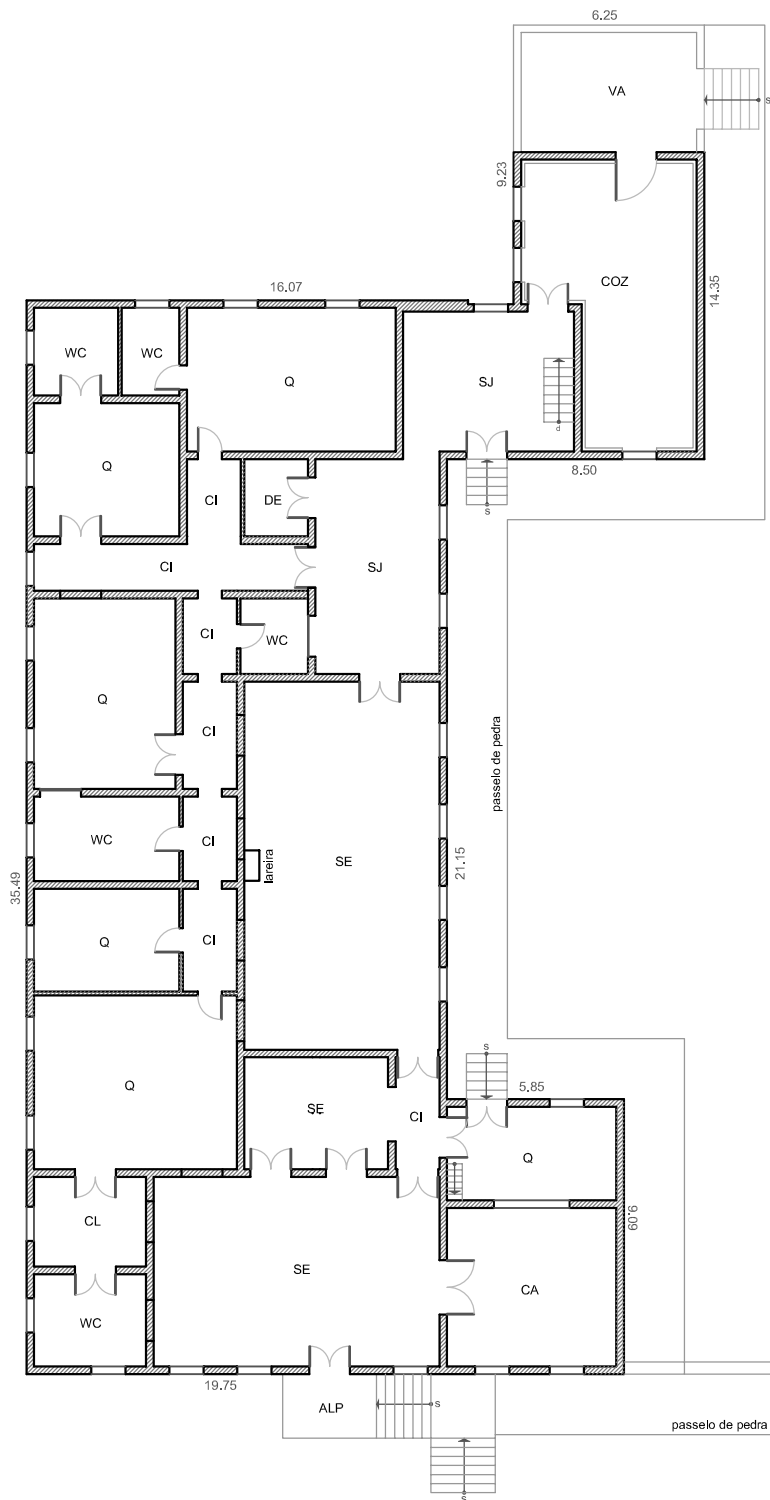
SF - salão de festas

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

FAZENDA MULUNGU VERMELHO

Observações:

- Os vãos marcados em paredes cegas (CI, CL, WC, Q, SE) referem-se à antigas aberturas que foram fechadas.



1

Planta Baixa da Sede - 2º Pavimento

escala: 1/250



ALP - alpendre CI - circulação COZ - cozinha SE - sala de estar Q - quarto
 CA - capela CL - closet DE - despensa SJ - sala de jantar WC - banheiro

——— alvenaria existente
 - - - - - alvenaria demolida

A origem desta fazenda remonta ao princípio do século XIX, quando suas terras foram doadas, através do sistema de sesmaria, ao capitão Antônio Luiz do Santos e sua mulher, D. Luiza Maria Angélica, terceira filha do lendário Capitão Ignácio de Souza Werneck, patriarca dos Werneck, no período cafeeiro do Vale do Paraíba. Esta união deu origem ao ramo Santos Werneck, que estendeu seus domínios para a região de Massambará, município de Vassouras e para o distrito de Bemposta, município de Três Rios.

D. Luiza faleceu em 1813 e o Capitão Antônio Luiz dos Santos em 1825, aos 53 anos de idade, de uma “inflamação do peito”. Esta é a data provável em que um de seus sete filhos, Francisco Luiz, recebeu de herança as terras que deram origem à Fazenda São Francisco, hoje denominada Mulungu Vermelho (RAMOS, 1941). Um fato curioso sobre esta família é que, de todas as fazendas fundadas pelos filhos do capitão Antônio Luiz, pelo menos as de Massambará tiveram nomes de santos homônimos aos seus fundadores, como por exemplo, a Fazenda São Fernando, fundada por Fernando Luiz dos Santos Werneck, a de Santo Antônio, por Antônio Luiz dos Santos Werneck – este migrou para Bemposta fundando lá diversas fazendas –, São Luiz, por Luiz Barbosa dos Santos Werneck e São Francisco, por Francisco Luiz dos Santos Werneck (BRAGA, 1975).

Pelo que consta, o solar de São Francisco foi construído por volta de 1831, na primeira fase do café no Vale do Paraíba e, com pouco tempo de lavoura, a fazenda da qual era sede tornou-se uma das mais prósperas de Vassouras. Tudo isso facilitado pela abertura, em 1816, da importante e pioneira estrada do Comércio, que cortou as fazendas dos irmãos Santos Werneck de ponta a ponta, trazendo-lhes grandes vantagens no transporte do café para os portos da baixada e daí aos do Rio de Janeiro e, finalmente, para a Europa. Por esta mesma estrada virão os primeiros requintes da Corte do Rio de Janeiro, transformando as sedes das fazendas cafeeiras em verdadeiros palacetes rurais, que nada deviam às residências mais luxuosas da Capital do recém-criado Império do Brasil (LENHARO, 1993).

Em meados do século XIX, quando a produção de café no Vale do Paraíba atinge seu apogeu, São Francisco é uma das mais ricas do vale do ribeirão Florência (hoje conhecido como rio Alegre), produzindo, além do café, cereais. Trabalhavam em seus cafezais cerca de 111 escravos, em um número aproximado de 280 mil pés de café, como podemos observar em inventários da fazenda.

O tempo passou e os fazendeiros despreparados quanto ao uso da terra, acabaram por esgotá-la, sendo a decadência da cultura do café inevitável. O comendador Francisco Luiz dos Santos Werneck não viveu para ver a derrocada de sua fazenda, falecendo em 1871¹, quando o café começava dar sinais de declínio. Sua viúva, D. Maria Francisca das Chagas Werneck, com quem teve três filhos, faleceu em 2 de julho de 1886. Nesta ocasião trabalhavam na fazenda 55 escravos² e suas terras estavam assim distribuídas: seis alqueires geométricos com mata, 80 em capoeira e 34 com 235 mil pés de café.

Por herança, a fazenda São Francisco e os sítios anexos couberam à filha Zeferina Adelaide das Chagas Werneck, a qual se encontrava viúva do capitão João Barbosa dos Santos Werneck, desde 1875 (ALEGRIO, 2008). Em 1891, achando-se doente, D. Zeferina resolveu fazer a partilha entre vivos de seus bens e transferiu São Francisco a seu filho Joaquim Barbosa dos Santos Werneck³.

Por volta de 1903, Joaquim se desfaz da fazenda, então com seus 117 alqueires geométricos, constando com os sítios “Velho” e “Pao Ferro”, vendendo-a aos recém-casados Fortunato Delgado Motta e Gabriela Messias Delgado Motta⁴. Vindo do município de Lima Duarte - (MG), este casal iniciou um novo ciclo na história de São Francisco, a do gado de leite, sem, no entanto, abandonar a tradicional cultura do café, cultivado na fazenda até meados da década de 1940. Algum tempo depois adquirem as fazendas vizinhas de “Cima” (São Luiz), Cachoeira Bonita e “Dr. Reis” (São José).

Fortunato era um homem simples e muito respeitado por seus 11 filhos, tidos com sua amada esposa D. Gabriela Messias, filha de João Evangelista de Almeida Ramos e Mariana Evangelista Duque, barões de Santa Bárbara do Monte Verde.

Sinhá Gabriela, como era carinhosamente chamada pelos criados da fazenda, faleceu em 1935, e Fortunato viveu ainda muito tempo no estado de viúvo. Em 1947, falece Fortunato e São Francisco é dividida entre seus herdeiros, a saber: Maria (Nicota), Militão, Judithe, Mariana (Neném, falecida ainda jovem), Maria José, Jayme (Zezé), Geraldo, Francisco, Thereza, Ana (Anita) e Fortunato. Suas terras são fracionadas e a antiga sede, com uma área de terras reduzida, é vendida a um consórcio entre Carmem Lahmeyer Duval e seu marido Carlos Afonso Ferraz Duval com Selma Ferreira da Silva. O tempo em que o casal Duval ficou na fazenda foi suficiente para promover a recuperação do solar, que se encontrava em adiantado estado de deterioração⁵.

Por fim, a fazenda foi adquirida, em 1988, por Simone Marques Coimbra Pio da Fonseca, já com o nome de Mulungu Vermelho.

¹ Cobrança de taxa referente ao inventário do Comendador Francisco Luis dos Santos Werneck / Caixa 139 nº 623, Ano 1872 / Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra – Vassouras.

² Inventário de Maria Francisca da Chagas Werneck / Caixa 139 nº 236, Ano 1886 / Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra – Vassouras.

³ Partilha entre vivos / Zeferina Adelaide das Chagas Werneck / Caixa 341, Ano 1891 / Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra – Vassouras. Gentilmente cedido pela historiadora Leila Vilela Alegrio.

⁴ Informações passadas por D. Gabriela Delgado Motta, neta de Fortunato Delgado Mota, através de entrevista.

⁵ Escritura de compra e venda entre Simone Marques Coimbra Pio da Fonseca e Carmem Lahmeyer Duval e seu marido Carlos Afonso Ferraz Duval e Selma Ferreira da Silva, passada em 01/05/1988 no Cartório do 4º Ofício de Cidade do Rio de Janeiro e averbada na Cidade de Vassouras, no Cartório do Ofício Livro 2c fls. 63 mt. 650 e fls. 86 ,87 ato 45.